

A Crise Permanente do Anarquismo

Gaston Leval

1967

Conteúdo

Parte 1	4
Parte 2	9
Parte 3	13
Parte 4	18
Parte 5	21
Notas	26

Parte 1

O anarquismo, ou mais precisamente o que chamamos de movimento anarquista francês, está em crise. O congresso de Bordéus, celebrado em maio de 1967, afetou fortemente a Federação Anarquista Francesa que, mesmo unindo tendências opostas para formar um número (anarco-comunistas, anarco-sindicalistas, anarco-individualistas), havia ao todo trezentos a quatrocentos membros efetivos em toda a França. Desse total, uma fração foi para formar uma Federação Anarquista Internacional que deve ter duas dúzias de membros, outra fração formou uma Federação Bakuninista Anarquista, que gostaríamos de saber o que eles sabem sobre o pensamento Bakuninista, e alguns grupos retomaram sua autonomia. Como já existia uma Federação Anarco-Comunista dissidente, que forma quatro Federações que, com os grupos autônomos, deve ter um total de seiscentos membros em uma população de cinquenta milhões de pessoas ... A inflação verbal não altera a precisão dos números.

Por outro lado, informações da melhor fonte indicaram que o *Monde Libertaire*, que é basicamente como o órgão oficial público do anarquismo na França, ou, pelo menos, de sua corrente mais forte, tem um total de 1.000 assinantes. Se admitirmos igual número de leitores resultante do anúncio, e lembrarmos que este jornal é a continuação do *Libertaire* que vendeu quinze mil exemplares em determinados períodos desde a Libertação (no início a tiragem era muito maior), a observação de um declínio óbvio é essencial. A que se junta a dureza das discussões, das disputas e até dos assaltos que ocorrem antes, durante e depois do congresso de Bordéus ... Porque os intervalos não são suficientes para dar uma ideia exata da realidade.

Uma explicação para esta crise foi fornecida por vários ativistas que a veem como consequência do vácuo criado no movimento anarquista durante a Segunda Guerra Mundial. Esse vácuo teria causado um corte entre duas gerações, impedido os novos membros de estabelecerem com os antigos militantes formados pelo estudo e pela experiência um contato necessário à continuidade e ao desenvolvimento do novo grupo. Vejo isso apenas como uma pista falsa pela qual, como é o hábito estabelecido, jogamos nas “circunstâncias” externas, ou no adversário, as responsabilidades, as insuficiências e as lacunas pelas quais somos responsáveis. Porque se o anarquismo se exercita implacavelmente contra o mundo inteiro, uma crítica sempre vigilante e sempre exasperada, ele nunca praticou consigo mesmo esse mínimo de autocrítica e análise honesta sem a qual nenhuma coletividade, nenhum indivíduo corrige seus erros, não aperfeiçoa nem acompanha, como deve fazer aqueles que pretendem transformar a sociedade, a evolução desta mesma sociedade.

É 1967. Mas quem conhece a história do anarquismo como um movimento, ou uma coleção de grupos e facções muitas vezes hostis, lembra que outra crise já havia ocorrido nos anos 1952–54. Esta crise resultou na desintegração da Federação Comunista Libertária, que então representava oficialmente o anarquismo na França. Naquela época, um pássaro de passagem soube impor sua ditadura; até foi criada uma sociedade secreta, da qual, ao aderir, seus membros juravam obediência e concordavam em ser fisicamente eliminados em caso de retirada. Ninguém foi executado, é verdade, e a maioria desses terríveis revolucionários, Netchaievs puros, estão agora na casa dos quarenta ou cinquenta anos que abriram caminho para o queijo capitalista.

Que tais desvios pudessem ter ocorrido, que aqueles que neles se envolveram conseguiram expulsar impunemente um grande número de ativistas que protestavam, concorrer às eleições legislativas e transformar o venerável e glorioso *Libertaire* em um jornal eleitoral, tudo isto dá direito a questionar se a inspiração desta comédia-comediante, que estava longe de ser tola, não quis ridicularizar uma comunidade que não se apercebeu da sua inconsistência e das suas fraquezas. Em qualquer caso, isso constitui um exemplo da facilidade com que a ditadura dos mais ousados se enraíza em um meio anarquista tradicional. Quem conhece a história do movimento internacional viu muitos mais ...

Se voltarmos um pouco mais no tempo, outra crise do anarquismo, esta mundial, reaparece em nossa memória. Foi causado pela Revolução Russa e o triunfo do bolchevismo. Naquela época, e nos anos que se seguiram, inúmeros artigos, ensaios, brochuras tiveram que ser escritos para reagir contra a paixão de um grande número de militantes em favor do novo regime russo e da doutrina de seus

organizadores. Na França, valiosos propagandistas anarco-comunistas como Ernest Giraud, que como orador veio imediatamente após Sébastien Faure, e no movimento individualista, figuras como André Colomer – que se tornou diretor do *Libertarie* e depois se encaminhou para o anarquismo comunista – ou, como o próprio Victor Serge, articulou-se em torno das soluções propostas por Lenin, Trotsky e a Terceira Internacional.

Foi o suficiente, de fato, que os grandes homens de Moscou e seus amigos tivessem que recorrer à revolução armada para derrubar o estado – e nisso eles foram ajudados por uma parte dos anarquistas russos – que incitou os proletários de todo o mundo a usar os mesmos métodos em sua luta contra o capitalismo, de forma que a confusão se instala nos cérebros e para que tantos seguidores de Kropotkin, Faure, Grave, Malatesta, etc ... – e sindicalistas revolucionários – acreditassem que o Partido Comunista constituiria uma sociedade sem Estado.

É certo que, na época, mal se sabia, no Ocidente, o que eram os bolcheviques, porque é especialmente através dos socialistas revolucionários, que tinham feito principalmente o ataque contra o czarismo, que se conhecia as forças que lutavam pelo socialismo na Rússia. Então os bolcheviques lançaram-se com uma arte e uma ciência, aliadas a imensos recursos publicitários, slogans que eram, ou pareciam, nossos. Eles se manifestaram contra a continuação da guerra, haviam dissolvido, com a ajuda dos anarquistas de Leningrado e Moscou, a Assembleia Constituinte – onde a maioria era socialista, embora não bolchevique – eles prometeram “todo o poder aos Soviets!” “- aos Soviets, dos quais fugiriam e estrangulariam assim que triunfassem. Por trás dessas fórmulas e promessas, muitos anarquistas não viram ou não queriam ver que Lenin e seus amigos estavam derrubando um estado para constituir um novo, mais feroz; que destruíram instituições opressoras para substituí-las por instituições piores que as anteriores, que varreram a Assembleia encarregada, por voto popular, de redigir uma nova Constituição, de impor sua Constituição, feita por seu partido único e que jamais seria respeitada. Nós aderimos ao nome da Revolução sem nos perguntarmos para onde ela nos levaria ...

Eles também aderiram por outro motivo: os bolcheviques trouxeram um programa construtivo. Até então se pensava que “o povo” seria capaz de encontrar por si o caminho que levaria à nova ordem das coisas (ainda parecemos acreditar nisso, elimina a necessidade de fazer estudos aprofundados e assumir responsabilidades). Mas, de repente, o fato russo colocou problemas terrivelmente concretos com urgência.

Como organizar a produção? Como garantir o funcionamento dos serviços públicos, a circulação dos meios de transporte, as relações econômicas entre as cidades e o campo? Como defender a revolução contra os ataques contrarrevolucionários?

Não tínhamos a menor ideia e, sobretudo, nos faltava espírito criativo e preguiça intelectual que se somava ao entusiasmo pelas forças armadas, aderimos ao bolchevismo que parecia fornecer as respostas solicitadas. Porque, também, não se tinha uma verdadeira cultura sociológica que pudesse permitir prever, ou, pelo menos, ter um pressentimento de soluções positivas. Também ignoramos as advertências de nossos grandes autores. Mesmo agora, basta ler as previsões de Bakunin para o Estado marxista para entender quantos erros teriam sido evitados se suas advertências proféticas tivessem sido atendidas.

Nesse período de crise, que como a polêmica durou anos, centenas de anarquistas passaram ao bolchevismo tanto na Europa quanto na América e até na Ásia dependendo da importância do movimento em cada nação¹. Outros hesitaram, aplaudiram Lênin, depois ficaram relutantes e finalmente se retiraram da luta, quando a atividade liberticida, o centralismo ultrajante, a desonestidade e o terrível abuso da calúnia do comunismo internacional os convenceram de seu erro. Mas eles não voltaram ao anarquismo. Outros, por fim, buscaram trazer conceitos e uma prática construtiva e correspondentes à época – nesse período nasceu a chamada corrente anarco-sindicalista. Mas muitas vezes eles se depararam com os sacerdotes que, enquanto pediam por um programa – o caso de Malatesta – se opunham às reformas organizacionais necessárias. Queríamos que a menina desse à luz, mas não queríamos tocar em sua virgindade.

¹ Um velho camarada italiano me disse há alguns anos que muitos dos senadores comunistas são ex-anarquistas.

No entanto, as crises do anarquismo são ainda mais antigas. Aliás, quem conhece a história desse movimento, ou como o chamamos em um país como a França, sabe que desde o seu início, por várias razões e em diferentes capacidades, sempre viveu em um estado de autodestruição permanente. Crises que são encontradas em outros países em vários graus. Suas causas também são múltiplas, mas é possível encontrar, na análise, explicações genéricas que nos parece útil buscar brevemente.

Na França, após a morte de Proudhon – em 1865 – o anarquismo apareceu como manifestação pública de uma corrente de ideias na década de 1880. A repressão que datava do regime de Napoleão III, então o massacre dos *communards*, impediu a formação da seção francesa da Primeira Internacional, com a consequência da impossibilidade de se criar um movimento semelhante ao que ocorreu na Suíça, Itália e sobretudo na Espanha. O início histórico ocorreu principalmente sob a influência de Kropotkin, pois os escritos de Bakunin, que morreu em 1876, eram em grande parte desconhecidos. E ao contrário de Bakunin, Kropotkin não tinha a estatura de um grande construtor, nem sobretudo o dinamismo de um grande animador, diretor da história. Foi, portanto, na forma de grupos que, primeiro por meio do jornal *Le Révolté*, fundado por Kropotkin em Genebra em fevereiro de 1879, o anarquismo começou a ganhar atenção pública. Grupos que viam o problema social em sua escala estreita, mais subjetiva do que objetiva, e que pensavam, agiam dentro dos limites estreitos de seu horizonte social.

Esta ação orientou no sentido da revolta de pequenas minorias e, muitas vezes, por uma rápida acentuação, no sentido individual. Mais terrorista do que ação revolucionária. Os ataques do chamado período heroico, que para mim foi antes de tudo um período de estupidez infinita, prevaleceram sobre a luta social travada na escala das massas proletárias. Foi necessária uma série de guilhotinas, muitas condenações na prisão para finalmente, por volta de 1895, alguns anarquistas destacados do movimento em que haviam se formado, foram, em parte sob a liderança de Pelloutier, para o movimento sindical. Ao fazê-lo, e ao contrário do que muitas vezes dizem aqueles que gostam de usar penas de pavão, eles não eram anarquistas se lançando em uma nova forma de luta sem abrir mão da essência de suas ideias: eles deixaram de ser anarquistas para se tornarem sindicalistas. Jouhaux e Dumoulin são exemplos desse desenvolvimento.

Mas simultaneamente, com o misticismo revolucionário tomando o lugar da informação e do treinamento intelectual, as forças anarquistas formadas em grupos de dez, quinze, vinte pessoas, limitaram-se a uma interpretação de ideias por afinidade. O agrupamento de afinidades oferecia um raciocínio filosófico atraente (Goethe não tinha falado de “afinidades eletivas?”), Mas apenas deu origem a uma concepção fragmentária da sociedade. É por isso que, por muito tempo, todo o movimento anarquista comunista francês se opôs ao movimento sindical no qual viu um desvio autoritário, e Jean Grave, rapidamente se tornou o principal teórico do anarquismo comunista francês, argumentou com os editores do jornal de Barcelona *El Productor*, denunciando a organização do comércio em grande escala, por operários e camponeses, como um certo perigo para a revolução. Kropotkin viu, muito pelo contrário, e escreveu-o em várias ocasiões no *Le Révolté*, depois no *La Révolte*, mas, sem dúvida, muito absorvido por seus estudos científicos, ele não conseguiu orientar em uma direção construtiva aqueles que reivindicaram suas ideias.

O desconhecimento do que constitui a realidade de uma sociedade vista do ponto de vista econômico levou a imaginar o novo mundo na forma de grupos livres de produtores trocando seus produtos entre si – e essa concepção se estendeu até mesmo ao anarquismo comunista. No máximo, aceitamos e defendemos uma comunidade livre, autônoma, suficiente para si mesma, vivendo em plena autarquia. O livro de Kropotkin, **A Conquista do Pão**, que em geral previa uma conquista comunalista parisiense, tornou-se uma Bíblia da qual apenas os elementos mais superficiais e questionáveis foram mantidos². Em seu livro

² Influenciado pela Comuna de Paris, Kropotkin quis dar orientações concretas sobre a Revolução neste livro que, em seu prefácio ao livro dos dois sindicalistas libertários Pouget e Pataud, ele chamou de “utopia comunalista”. É claro que essa utopia atribuiu um papel excessivo à espontaneidade criativa popular e, desse ponto de vista, como do ponto de vista de fórmulas como “a coleta na pilha”, é corretamente criticada. Mas é também distorcer a verdade, ou cair na armadilha da crítica sistemática, ignorar outros aspectos, perfeitamente válidos, tanto no que se refere à definição, então necessária, dos princípios do comunismo libertário, quanto à recusa do Estado, à prática do livre entendimento ou, no capítulo “*Consumo e produção*”, a visão de uma organização a nível europeu. Por outro lado, e eu demonstrei isso há dez anos neste mesmo jornal, Kropotkin, em seus outros escritos, sempre recomendou o estudo preliminar e sério dos problemas que uma revolução colocaria.

La Société future, Jean Grave, que muitas vezes não fez nada além de diluir Kropotkin, empurrou até as comissões de estatísticas vendo aí a ameaça certa de uma burocracia invasora. E ainda havia uma ignorância crassa e vigilante da realidade da economia social. Talvez apenas Charles Malato tenha tentado reagir contra o vácuo no qual se afirmava estar construindo a nova sociedade.

Parte 2

No mundo anarquista, é interessante ver como o amor e o ódio coexistem entre os mesmos indivíduos. Parte disso se deve a um raciocínio que me lembro de ter feito quando tinha vinte e poucos anos: porque amamos, odiamos. Amamos a paz, odiamos a guerra. Amamos a justiça, odiamos a injustiça. Amamos a liberdade, odiamos a opressão. A negação é a condição, senão a fonte, da nova afirmação. E como são tantos os males, as brechas, os horrores na sociedade atual, nossa capacidade de lutar “contra”, o que chamarei de “contrismo”, está constantemente mobilizada. Mas devemos negar o que é mau para fazer triunfar o que é bom. Demolir para reconstruir. Bakunin já escreveu que o trabalho de destruição deve ser condicionado pelas dimensões de nosso trabalho construtivo. No entanto, em geral, os anarquistas permaneceram no primeiro estágio, o da negação e do ódio, em detrimento do da construção e do amor que deve seguir. E acreditávamos ou fingíamos acreditar que quanto mais odiamos, mais amávamos. Elisée Reclus havia escrito (nem sabíamos onde): “A anarquia é a maior concepção de ordem”, e em vez de interpretar esta frase em seu sentido profundo, segundo a qual os anarquistas deveriam trabalhar para criar uma ordem social superior, acreditava-se ou pretendia-se acreditar, que o triunfo, mesmo violento dos anarquistas seria o dessa concepção superior de ordem. Isso dispensou a necessidade de trabalhar séria e incansavelmente para a realização do ideal e da nova sociedade. Isso sempre dispensa.

Um estudo psicanalítico deste mundo que em grande parte se voltou para si mesmo, que acreditava poder escapar das grandes leis gerais que governam a vida de todos os homens, merece ser feito. Muitas vezes, porque afirmamos ser o ideal mais elevado que foi formulado pelo pensamento humano, nos persuadimos a constituir uma elite situada acima do homem comum, nos consideramos superiores à humanidade média e aqueles ao seu redor. A menos que os relatórios fossem de lutas, brigas, revolta pessoal.

As coisas pioraram com o surgimento da corrente individualista anarquista. Apesar de suas insuficiências, os anarquistas comunistas eram a favor da transformação social, da grande convulsão, do Grande Sol que resolveria quase mágica e automaticamente todos os problemas sociais e humanos. Eles estavam de coração com as massas e repetiam os dois famosos versos da canção revolucionária:

Trabalhador leva a máquina

Pegue a terra, camponês!

enquanto a corrente individualista reivindicou o “eu” de cada um de seus membros, não contra esta ou aquela forma de sociedade, mas contra a própria sociedade. Desde o seu início, o individualismo anarquista, que afirmava ser Nietzsche e Stirner, e até mesmo alguns aspectos do proudhonismo às vezes distorcido (Benjamin Tucker era amplamente desconhecido), entrou em conflito com o anarquismo comunista. Ele é um inimigo da revolução social, despreza o povo, rejeita todas as formas de organização e, claro, a atividade sindical à qual, pelo menos teoricamente, a maioria dos anarquistas comunistas acabará se unindo. O individualista anarquista da época se considera o centro do mundo, quer viver imediatamente sua vida “fora” (fórmula encontrada por Emile Arnaud e que diz bem o que isso significa). Além do ponto de vista econômico e sem esperar a revolução, o que levará à defesa e prática de “reintegração de posse individual” de várias formas: roubos, dinheiro falsificado, etc ... A aventura do que foi chamado de gangue Bonnot é lembrada com seu terrível final³.

Tudo isso, que deu origem a amargas e prolongadas polêmicas entre anarquistas comunistas e anarquistas individualistas quando não era pior, fazia parte do permanente estado de crise em que vivia o

³ Sobre este assunto, é útil ler o livro **Chez les loups** de André Lorulot, no qual o autor conta o que viu durante sua época como diretor de *L'Anarchie*, um jornal individualista que travou uma guerra contínua contra *Le libertaire*. E *Les Temps Nouveaux*, dirigido por Jean Grave. O que Lorulot esquece de dizer é que naquela época ele vivia da “recuperação” que outros estavam praticando e que ele havia defendido enfaticamente essas práticas.

anarquismo, particularmente na França. Mas as coisas eram infinitamente mais complexas e o mal atingiu uma profundidade que as linhas anteriores não podem medir. Foi o que aconteceu com o problema moral. Para aqueles que fazem de seu ego e da plena satisfação de suas necessidades o único princípio de seu pensamento e comportamento, a moralidade social une o indivíduo, constitui uma restrição que destrói a personalidade e viola seus direitos. Além disso, a negação de toda moralidade era um dos pilares do pensamento individualista, e foi para combater essa tendência invasora que Jean Grave argumentou ferozmente, e Kropotkin escreveu, por volta de 1900, seu excelente panfleto: **La Morale anarchiste**. Isso não impediu uma parte significativa dos anarquistas de continuar a reivindicar (também com base no trabalho de Le Dantec) o egoísmo como base, objetivo e justificativa para todo comportamento. Stirner defendeu “a associação dos egoístas”. Formamos, pois, uma parceria, quando nos associamos, a fim de satisfazer muito materialmente o seu egoísmo, filosoficamente definido na ordem teórica, mal vivenciado na ordem dos fatos. E sempre foi provado a você, filosoficamente, que era por egoísmo, para a satisfação de uma necessidade pessoal, e não por amor ao outro que um homem se jogou na água para salvar seu próximo, mesmo com risco de vida, mas que foi também para a satisfação de uma necessidade pessoal que outro lhe roubou o paletó e o relógio que ele então deixara no parapeito da ponte. Ainda filosoficamente, portanto, não havia diferença. Como não houve, se aquele que você estava hospedando estava tentando seduzir sua companheira e sequestrá-la enquanto você estava no trabalho, pois, ao hospedá-la, você também atenderia a uma necessidade de sua natureza, assim como ele estava atendendo a uma necessidade dele.

Já por volta de 1895, cerca de quinze anos após o nascimento do que foi chamado de movimento anarquista, Paul Reclus estava protestando contra a prática desprezível do que era então chamado de “carimbo de amigo”. Porque, desde que admitimos roubo ou furto em terceiros, nem sempre houve, filosoficamente, razão para diferenciar entre aqueles que reivindicaram e aqueles que não reivindicaram suas ideias.

A corrente individualista francesa foi quase totalmente dissolvida pela Primeira Guerra Mundial e suas repercussões. Seu estado de decomposição, do qual cresceram apenas flores venenosas (descrevê-lo completamente seria muito nauseante), não lhe permitiu resistir a esse teste. Mas, infelizmente, algumas das ideias que eram dele, passou para o meio anarquista comunista onde práticas “externas” se desenvolveram entre as duas guerras, e ainda na França, na forma de “truques” criando um estilo de vida muito difundido neste ambiente.

Tal era a prática do “macadame”, já nascida antes de 1914⁴, que se explicava quando o desemprego e a fome empurravam os homens para lá, mas que rapidamente se tornou, para muitos, um estilo de vida. Tal foi a multiplicação da exploração do auxílio-desemprego, que atingiu proporções insuspeitadas. Tal, por outro lado, a obsessão, senão a depravação sexual generalizada, sob o nome de amor livre, em que muitos homens e mulheres viam, a característica saliente da prática anarquista. Os comportamentos, os costumes que daí resultaram, e que já antes de 1914, Pierre Martin, figura admirável, então diretor do *Libertaire*, denunciava sob o nome de “putaria livre”, corrompeu e bastardizou moralmente tantos, ou, pelo menos, um número suficiente, de indivíduos para afetar todo o movimento. E aí também o resto da saúde moral, que subsistia apenas em uma minoria cansada da esterilidade de seus esforços, não permitiu resistir às provações dos anos 1939–1944. Cortar a guerra não é uma explicação válida. É na degradação interna, na gangrena de múltiplas causas, de que sofreu o movimento, que devemos buscar a explicação para o enfraquecimento do anarquismo.

Diferentes causas levaram à desmoralização generalizada e ao enfraquecimento em escala internacional. O autor dessas linhas conheceu o movimento anarquista de dentro da França, Espanha, Rússia⁵, América do Sul (particularmente Argentina e Uruguai). Ele sabe mais ou menos bem, mas o suficiente,

⁴ O “macadame” era uma lesão artificial que resultava no pagamento de prêmios de seguros pelas empresas. Alguns advogados do Maroon se especializaram em defender os usuários desse “esquema” quando as empresas se recusaram a pagar. Por volta de 1910, Pierre Laval, que ainda não havia se destacado como advogado e menos ainda como político, deu uma moeda de 5 francos a quem lhe trouxesse tal cliente. Essas práticas fizeram com que as empresas criassem arquivos que repassavam umas às outras para estabelecer um controle cada vez mais severo, que muitas vezes resultava em verdadeiras vítimas de acidentes de trabalho.

⁵ Durante sua estada de quatro meses e meio em 1921, ele viu os anarquistas russos divididos em tendências hostis e díspares.

por sua história, até mesmo anedótica, por contatos com muitos indivíduos ou vários grupos, lendo sua imprensa, quais eram as relações entre tendências, correntes, capelas, seitas e pequenos clãs nos círculos anarquistas italianos (onde, por exemplo, Malatesta foi ferido a um tiro de revólver e teria sido morto sem a intervenção de outros companheiros por um anarquista que considerava uma traição se organizar em um movimento federativo)⁶.

Ainda hoje, nos Estados Unidos, a tendência individualizante que edita, em Nova York, o *Adunata dei Retratarì* defende a ditadura de Castro por ódio aos anarquistas comunistas que se rebelaram contra ela. Isso nos lembra um manifesto assinado por volta de 1922 por personalidades do movimento individualista francês, incluindo Manuel Dévaldès e André Lorulot, personalidades que se declararam, sem aderir a ele, favoráveis ao regime bolchevique, então em processo de assassinato da Revolução Russa, e atacando Sébastien Faure, que fazia campanha contra este assassinato ...

De modo geral, e visto de dentro, o meio anarquista viveu e se conheceu por isso, confirmou a concepção clássica e negativa que os adversários da anarquia espalharam sobre ela. Acredito que em nenhum outro lugar o ódio, o ciúme, as inimizades, as brigas pessoais são tão frequentes e atingem um grau tão elevado. Se tantas pessoas passaram pelo anarquismo e o deixaram rapidamente, se tantos passaram por ele e o abandonaram depois de muito pouco tempo, é sobretudo por causa do espírito acrimonioso, das contínuas discussões, ataques pessoais, rivalidades que aí encontram. Também é verdade que muitos membros trazem neles o que a própria palavra anarquia sugere, ou seja, a possibilidade de explosões anti-sociais que também os fazem colidir com os outros sob o impulso do esnobismo, do diletantismo, da irresponsabilidade que são peculiares para eles.

⁶ Esses anarquistas individualistas italianos que residem nos Estados Unidos são, em sua maioria, perfeitamente enobrecidos. Muitos deles também se naturalizaram como cidadãos dos Estados Unidos, tendo jurado não professar ideias anarquistas ou subversivas. E, sem dúvida, para estar em paz com a consciência, eles travaram uma campanha sistemática em *L'Adunata* contra o regime em que se estabeleceram tão bem e aplaudiram Fidel.

Parte 3

Uma das consequências desse “contrismo” generalizado foi que os escritos construtivos que, embora imperfeitos, eram mais numerosos na produção teórica e literária anarquista do que em qualquer outra corrente revolucionária, caíram no escuro. Nem as ideias direcionadoras de Proudhon, sempre essencialmente corretas, nem os programas, sempre atuais, por Bakunin ou livros como **A Conquista do Pão de Kropotkin**, **En Marche vers la société futur** de Cornelissen, nem de Sébastien Faure, **Mon Communisme**, nem os de Pierre Besnard (mais sindicalista libertário do que verdadeiramente anarquista), Pierre Ramus e muitos outros influenciaram o corpo dos militantes anarquistas. Porque o espírito de negação os dominava. Ainda hoje, quantos são capazes de explicar em que consistiam o mutualismo proudhoniano e o coletivismo bakuniniano?

Você só pode construir com amor e conhecimento especializado adquirido por meio de esforços longos e persistentes. E a precedência absoluta do espírito negador modelou, moldou, amassou o espírito geral de grupos dispersos ou episodicamente unidos. Esse espírito negador moldou os indivíduos e se estendeu à prática das relações inter-anarquistas, e não conheço nada mais doloroso para um homem convencido dos valores morais da filosofia libertária do que a oposição existente entre esses valores e o movimento que os reivindica. Por isso há muito tempo me questiono sobre este assunto, e em vez de me retirar para minha tenda como fizeram tantos outros que entendo mas que não sou, persisti em querer explicar essas contradições para mim mesmo, para enfrentá-las e encontrar um motivo de esperança e salvaguardar o que permanece válido no pensamento libertário para o futuro da humanidade.

Vimos que se o ódio ao mal pode levar ao amor ao bem, é muito frequentemente, nos círculos anarquistas, apenas uma justificativa para a insociabilidade fundamental dos indivíduos⁷. Para além do comportamento individual, justifica-se por atribuir-se o objetivo de impor a revolução. Mas a experiência mostra que a maioria dos homens comuns que chegam à revolução são, acima de tudo, movidos por um temperamento que não é apenas combativo, mas essencialmente violento. Qualquer pessoa que tenha frequentado círculos anarquistas revolucionários sabe que a linguagem, o comportamento e o tom usado geralmente é marcado pela agressividade e, muitas vezes, a regra mais agressiva. Esta é uma consequência inevitável em um ambiente onde uma autoridade superior não se impõe, onde os modos de comportamento não são definidos e aplicados. Por outro lado, retire os slogans, a linguagem, os objetivos, as atitudes dominadas pela agressividade, e um número muito grande de adeptos, que veio para a atividade violenta por ser violento por natureza, se retirará.

O objetivo positivo que perseguimos, o triunfo da revolução, está sempre em teoria situado em um futuro distante, mas a negação ativa é imediata e unilateral. O triunfo do amor é para o futuro, o do ódio para o presente. Os demais movimentos sociais, que se comprometeram a realizar a partir de agora, por outras vias, a atividade municipalista ou cooperativa, por exemplo as reformas sociais (e sim estão longe de fazer o que deveriam), podem mobilizar – o que nem sempre o fazem – as tendências construtivas ou sentimentos de sociabilidade de seus membros. O anarquismo poderia ter feito o mesmo se, seguindo os caminhos indicados por Proudhon ou por Gustav Landauer ou mesmo pelo próprio Bakunin no final de sua vida⁸, tivesse se incorporado como elemento construtivo na evolução da sociedade.

Outra razão fundamental põe em jogo os próprios fundamentos da filosofia e os objetivos do anarquismo: esta é a interpretação da liberdade. Já tratei desse assunto num livro publicado em espanhol

⁷ Eis o que me disse uma mãe hospedeira dos Albergues da Juventude, cuja experiência remonta ao período entre as guerras: “outros acendem o fogo, outros ainda descascam os legumes ou preparam a refeição. Normalmente os anarquistas começam a ler seus jornais ou falar enquanto seus camaradas estão trabalhando. Eles se consideram muito acima dessas ocupações vulgares para participar delas”. De minha parte, tenho visto repetidamente esse complexo de superioridade no comportamento de muitos anarquistas.

⁸ Depois de defender incansavelmente métodos construtivos que permaneceram ignorados por todos os anarquistas – talvez haja algumas exceções que eu não conheço –, Bakunin, confrontado com o fracasso das tentativas revolucionárias de que participou e da Comuna, chegou à conclusão de que “a hora das revoluções havia passado”. Ele então recomendou “propaganda por ação”, entendendo assim as realizações diretas como exemplos. Mas a demagogia e a estupidez fazendo a lei no movimento anarquista, a fórmula foi interpretada como uma recomendação de ataques individuais, que nada tinha a ver com o pensamento do grande lutador.

e também o abordei em outra ocasião, na língua francesa⁹, mas é necessário voltar a ela e insistir nela, porque uma grande confusão sempre reinou no movimento anarquista sobre esta palavra e seu significado. Para todos os anarquistas, a liberdade é o alfa e o ômega do que é superior neste mundo e sua preferência pela organização em pequenos grupos, a sua recusa em considerar a sociedade como um todo orgânico vasto e coerente, cuja viabilidade devemos saber sustentar provém sobretudo deste amor ilimitado à liberdade que, aliás, tem a vantagem de não pedir responsabilidade histórica nem pessoal.

Há mais de quarenta anos, repito que a solidariedade é um princípio superior à liberdade, porque implica, para ser real, o respeito por esta, ao passo que o respeito pela liberdade de forma alguma implica a prática da solidariedade sem a qual não há existência coletiva e, portanto, individual possível. Um dos melhores organizadores da Federação dos Coletivos da Região Levantina Espanhola recentemente me contou como ele e outros dois camaradas tiveram que lutar contra a tendência de se retirar para dentro de si que, em aplicação de uma concepção errônea de liberdade, apareceu, como consequência de uma propaganda inepta, no início desta experiência extraordinária. Era preciso quebrar esse círculo de isolamento a que as comunidades estavam confinadas, em nome da autonomia e do federalismo, o que felizmente aconteceu muito rapidamente, e quando a Federação Levantina se organizou em um todo coerente, com quinhentos, depois seiscentos, setecentas, oitocentas e novecentas comunidades, os que pertenciam a cada uma delas não se sentiam menos livres do que antes. Mas eles se sentiram mais solidários.

Liberdade ... solidariedade (ou fraternidade), a diferença é enorme. Quer digamos “Nosso objetivo é o estabelecimento de uma sociedade de homens livres, o triunfo da liberdade”, ou “Nosso objetivo é o estabelecimento de uma sociedade igualitária e fraterna” pode, se não pensarmos nisso, ter um significado idêntico. No entanto, está longe de ser assim. A liberdade não é uma concepção estrutural da sociedade que é ela própria um organismo extremamente complicado, fora do qual, repetimos continuamente, nenhum indivíduo pode viver. Não envolve inevitavelmente a coordenação de atividades econômica, cultural e socialmente necessárias, sem as quais a existência é impossível.

Para a maioria dos anarquistas tem sido apenas uma visão imaginária e inorgânica da vida social ... dessocializada, uma justificativa para a negação erigida como um princípio. Sob o pretexto da liberdade individual, cada um trabalharia de acordo com sua força e de acordo com sua vontade, quando e como quisesse; especialmente consumiria de acordo com suas necessidades. Lembro-me de uma polêmica que testemunhei em Buenos Aires em 1925, entre um propagandista georgista e um conhecido orador anarco-comunista. O primeiro fez perguntas relevantes e precisas sobre como a produção e a distribuição seriam organizadas em uma sociedade anarquista. E o segundo respondeu-lhe, com grandes golpes de efeitos oratórios e movimentos impressionantes dos cabelos:

“A anarquia não tem e não tem que lidar com questões econômicas ... a anarquia não tem nada a ver com a organização da produção porque anarquia é liberdade, a liberdade total do indivíduo, a liberdade do pássaro que voa e corta o ar à vontade ...”

Tanta tolice foi o que prevaleceu e aqueles que, como eu, reagiram contra ela foram, naturalmente, acusados de traidores, desviados, senão de agentes provocadores.

Muitos anarco-comunistas italianos ainda estão lá. Segundo eles, a revolução espanhola foi a negação da anarquia porque todos não faziam o que queriam nas comunidades, mas aceitavam sujeitar-se às normas coletivas de trabalho, porque a atividade das aldeias, os cantões, os sindicatos eram coordenados de acordo com os requisitos das necessidades gerais em uma sociedade civilizada. Por outro lado, tomamos a segunda definição: “o nosso objetivo é a constituição de uma sociedade igualitária e fraterna”, tudo muda, antes de mais nada porque o postulado da fraternidade supõe relações interdependentes entre os indivíduos, e a constituição desta sociedade dá origem no pensamento, na imaginação, na verdade, para uma obra criativa geral, uma organização responsável da sociedade envolvendo tanto deveres quanto direitos. No primeiro caso, a tagarelice pseudo-filosófica é a característica intelectual dominante. No

⁹ Este livro, intitulado **Precisiones sobre el anarquismo (Précision sur l'anarchisme)**, foi publicado pelo editorial de Tierra y Libertad, Barcelona, no início de 1937. Em francês, escrevi em 1938, sob a assinatura de Max Stephen, e nas colunas do *Libertaire* uma longa série de artigos nos quais apresentei esses problemas e muitos outros. Minha prisão e condenação me impediram de continuar.

segundo, tudo o que a sociologia implica requer estudos, análises constantes que não se prestam à camuflagem de falsos estudos. Não há necessidade de estudar, de se cultivar para ser livre porque, afinal, qualquer animal selvagem é, e para um homem é simplesmente ser capaz de fazer ou não o que ele quer.

Mas ser solidário é agir com responsabilidade, ter em conta a existência do outro, participar nas atividades sociais na medida em que esta é da responsabilidade de cada um de nós. Isso implica um comportamento moral e prático responsável.

Neste último caso, somos realmente livres? A resposta pode variar dependendo da arte de empilhar palavras. Mas se não recorrermos a sofismas “filosóficos”, isso nos parecerá negativo. Não sou livre para não ir para o trabalho na hora ou o jornal que imprimimos não vai aparecer na hora; um médico não tem liberdade para passear quando seus pacientes o esperam, um motorista de automóvel para dirigir à direita ou para a esquerda como achar melhor, um padeiro para não amassar bem a massa com a qual assará o pão. Toda a vida social é feita de deveres que devem ser desempenhados com regularidade e de acordo com os compromissos assumidos por cada um, mesmo quando às vezes preferiríamos ter o nosso tempo como bem entendemos. O sentimento de solidariedade supera a liberdade, e nenhuma sociedade seria viável sem ela. A pretensão abstrata de liberdade nos parece pura insanidade, e o espírito que a inspira só pode levar ao caos e à decadência.

Isso quase sempre aconteceu.

A consequência fatal da falta de compreensão real e da autodisciplina de que às vezes falamos, mas nunca aplicamos, é o surgimento da forma de autoridade, as mais básicas e as mais incontroláveis, porque não há garantias que limitem os excessos: dos patrões e dos ditadores, grandes ou pequenos. Malatesta respondeu aos que se recusaram a se organizar em nome da liberdade que, na realidade, a falta de organização levava ao domínio desenfreado dos indivíduos mais autoritários. Esta é a lição da experiência. Quaisquer que sejam as falácias a que se recorre, qualquer comunidade humana, qualquer grupo de homens, por mais relaxadas que sejam suas relações, deve manter uma certa ordem para que a convivência de seus participantes seja possível e que os objetivos perseguidos, por mais elementares que sejam, possam ser alcançados, ainda que parcialmente. Nos partidos com uma determinada hierarquia, formados ou não de comum acordo, esta ordem é obtida através da aplicação de estatutos e regulamentos. Nos grupos anarquistas, onde isso não pode ser alcançado “pela harmonia”, como disse Louise Michel, é alcançado pelo domínio dos mais ousados. Assim, três quartos dos grupos anarquistas – e isso não só na França – lembram o surgimento do chefe, o *condottiere*, o *caudillo*¹⁰ na origem do estabelecimento das primeiras formas de autoridade nas sociedades primitivas. O mais dotado para o comando, prevalece, sem muita brutalidade aqui, brutalmente em outro lugar. Mas moldando-o ou não, ele faz chover e brilhar, dirige, comanda e naturalmente se choca com aqueles que não aceitam seu comando, ou que o disputam com ele. Assim, inúmeros pequenos clãs são formados em quase todos os lugares e há lutas internas contínuas que envenenam os círculos anarquistas continuamente fragmentados por essas rivalidades por influência ou autoritarismo primário.

Tudo isso é possível em primeiro lugar porque a exaltação da liberdade de cada um em detrimento da tolerância, do espírito de fraternidade, cria uma situação de desordem e desamparo em que não há outra alternativa, como lei do chefe ou desaparecimento. A vontade de compreensão colocada em primeiro plano torna a liberdade criativa e fecunda.

Homens unidos por uma grande meta histórica humana, pelo cumprimento de uma grande missão que os eleva e os une em uma vasta comunidade de espírito e esforços unidos, podem constituir uma vasta comunidade com seu dinamismo integrativo onde os animadores não são chefões. Por um lado é a sugestão de iniciativas, a proposta de métodos de trabalho, a previsão das consequências de uma ação empreendida ou planejada, de pesquisa feita ou a ser feita, e a outra é ditadura individual de caráter essencialmente político – e é, no final das contas, apenas uma política mesquinha tão bagunçada quanto a de partidos, senão mais, que se pratica geralmente em grupos anarquistas – o que provoca dominação dos mais inescrupulosos, mesmo que sejam intelectualmente inferiores.

Já experimentei esse tipo de ditadura e ditadura muitas vezes ao longo da minha vida, essa situação em que o autoritarismo de indivíduos inescrupulosos ou presunçosos prevalecia sobre um movimento

¹⁰ Embora aplicada a Franco, a palavra “caudillo” não foi cunhada para ele. Tradicionalmente, aplica-se a um líder de homens, especialmente para o combate, como por exemplo eram os comandantes improvisados que lideravam a luta guerrilheira contra as tropas napoleônicas.

local, às vezes nacional. A ausência de regulamentação serviu de pretexto para o exercício da ditadura individual em suas formas às vezes mais hediondas. Aquela que conheci na Argentina e no Uruguai não tinha nada a invejar do bolchevismo ou do fascismo¹¹.

A experiência mostra que com o mesmo espírito e os mesmos procedimentos sempre será assim. Nesse sentido, um povo indisciplinado por natureza nunca será um povo livre (a menos que por liberdade entendamos o caos) porque não fará por si mesmo o que a vida social exige. Então, para que a sociedade não entre em colapso, um aparato autoritário terá que ser construído para impor o que precisa ser feito e essas pessoas vão obedecer, ainda que com retrocesso. Enquanto outro povo, aparentemente menos dotado para a liberdade porque mais naturalmente disciplinado e menos protestante, será mais capaz de organizar a vida sem um aparato mais ou menos coercitivo, a consciência individual e coletiva substituindo com vantagem a lei externa a todos.

Este estado de espírito se estende a todas as características mentais dominantes na maioria daqueles que afirmam ser anarquistas, ou que chegam a ela atraídos por uma interpretação niilista correspondente a uma fase de sua evolução pessoal. Na grande maioria dos casos, é impossível admitir, especialmente para novos membros que desejam ou têm rédea solta para todas as suas fantasias, a necessidade de uma disciplina intelectual ou moral que envolva um método de treinamento teórico ou doutrinário, ou a aceitação e prática de um conjunto de padrões de comportamento correspondentes às ideias que afirmam professar. Invocar essa necessidade deixa os cabelos de quem é informado sobre ela arrepiados. E geralmente, para não dizer sempre, os membros não fazendo o esforço necessário para conhecer em profundidade as ideias que afirmam reclamar, interpretam-nas de acordo com a sua fantasia, com uma segurança que só se compara com o vazio do seu pensamento e as dimensões de sua ignorância.

¹¹ As lutas internas do movimento anarquista argentino foram tais que camaradas foram mortos ou feridos a tiros. As calúnias mais infames foram derramadas contra os militantes nas colunas do então diário e agora extinto jornal *La Protesta*; a campanha de difamação da qual fui testemunha, e em parte também vítima, atingiu um grau inimaginável. O resultado foi que o F.O.R.A. (Federacion Obrera Regional Argentina), que foi um glorioso corpo de luta e teve, como organização sindical, conseguido reagrupar 200.000 e talvez 250.000 trabalhadores, enfraqueceu terrivelmente, e quando a ditadura militar foi estabelecida, faltou militantes que haviam sido expulsos por procedimentos reminiscentes dos expurgos stalinistas, não resistiu ao fascismo de Perón. Naturalmente, e como sempre, é a “repressão” a culpada por esse desaparecimento. Isso certamente desempenhou um papel. Mas é acima de tudo nessa luta mortal interna que devemos buscar a causa desse declínio.

Parte 4

Quando comparo a escola filosófica libertária àquelas que tenho conhecimento ao longo da história do pensamento humano, só encontro um exemplo comparável nas escolas que na Grécia antiga criaram uma luz que ainda nos ilumina. Um Proudhon, um Bakunin, um Elisée Reclus, um Kropotkin, um Ricardo Mella em certa medida me lembra um Anaximandro, um Heráclito, um Anaximene, um Epicuro, um Leucipo ou um Demócrito, buscando a origem da vida, esforçando-se por sondar a matéria, fundando a ciência experimental e também uma filosofia do homem onde a ética individual se harmonizasse com o mecanismo do cosmos. Os fundadores do anarquismo social e socialista (deixo de lado os individualistas, que em geral estragaram tudo) seguiram o mesmo caminho. Todo conhecimento, todas as ciências, todas as atividades intelectuais os atraíram. Bakunin seguindo passo a passo as descobertas da física, química orgânica, astronomia (ele afirmou concepções astronômicas que ainda valem a pena ponderar), fisiologia, psicologia, sociologia, etc ... Elisée Reclus associando história e geografia, todas as manifestações da vida telúrica e do homem nas suas atividades fecundas, desenvolvendo harmoniosamente uma cultura humanista universal. Um Kropotkin escreveu em **La Science Moderne et l'Anarchie**:

“A anarquia é uma concepção do universo baseada em uma interpretação mecânica dos fenômenos, que engloba a natureza, incluindo a vida das sociedades. Seu método é o das ciências naturais, e por este método qualquer conclusão científica deve ser verificada. Sua tendência é fundar uma filosofia sintética que incluisse todos os fatos da natureza, incluindo a vida das sociedades humanas e seus problemas políticos, econômicos e morais”.

A esta visão ampla das coisas, tanto filosóficas como científicas, que continuou a de Auguste Comte e recordou a de Spencer, e a dos eruditos filósofos ou filósofos-cientistas de Atenas e Millet, de Abdera ou de Agrigento, hoje contrariada por aqueles que, desprezando os grandes fundadores, pretendem redefinir a anarquia? Aqui estão algumas definições que observei recentemente: “A anarquia é um estado da alma”; “Anarquia é simplicidade”; “A anarquia é um modo de vida individual”; “O anarquismo é acima de tudo educação”; “A organização é a mais pura expressão da anarquia”; “A anarquia é a rejeição de toda autoridade” ... Poderíamos citar dezenas, senão centenas, todas mais estreitas, cada uma mais retraída do que a outra, em comparação com o que Kropotkin e Proudhon escreveram, que esses definidores fingem desprezar porque são incapazes de se elevar à altura de seu pensamento. Portanto, eles precisam de suas próprias interpretações, e todas essas interpretações constituem uma cacofonia em que o pensamento que se pretende expressar não é mais do que uma mascarada de palavras.

Naturalmente, esse empobrecimento do pensamento fundamental provocaria o das realizações concomitantes. Os esforços necessários não equivaleram à atividade indispensável aos revolucionários que querem fazer história ou simplesmente aos reformadores sociais. Mais uma vez, os incentivos daqueles que viram profundamente falharam. Em seu panfleto Anarquia, escrito em 1894, Kropotkin definiu a tarefa que cabia aos seguidores do novo ideal da seguinte maneira: “O anarquista é então obrigado a trabalhar incansavelmente e sem perder tempo em todas essas direções. Tem que trazer à tona a grande parte filosófica do princípio da Anarquia. Ele deve aplicá-lo à ciência porque com isso ele ajudará a reformular as ideias: ele começará as mentiras da história, da economia social, da filosofia e ajudará aqueles que já o fazem, muitas vezes inconscientemente, por amor à verdade científica, a impor a marca anarquista ao pensamento do século”.

“Ele tem que apoiar a luta diária e a agitação contra os opressores e preconceitos, para manter o espírito de revolta onde o homem se sente oprimido e possui a coragem de se revoltar.

Ele, portanto, tem que frustrar as maquinações eruditas de todos os partidos, antes aliados, mas agora hostis, que estão trabalhando para desviar movimentos nascidos como revoltas contra a opressão do capital e do Estado para caminhos autoritários.

E, finalmente, em todas essas direções ele deve encontrar, pela própria prática da vida, as novas formas que os grupos, sejam de comércio, sejam territoriais e locais, poderão assumir em uma sociedade livre, livre da autoridade do governo e pessoas famintas”.

Não poderia a aplicação deste vasto programa erguer o anarquismo em uma escola de pensamento que, por sua importância, teria penetrado tanto em oficinas quanto em fábricas, laboratórios e universidades? Não poderia “moldar o pensamento do século” em grande medida, abrindo assim novos horizontes para o desenvolvimento da sociedade? Mas, em vez de se entregar a essa tarefa, a grande maioria dos anarquistas reteve apenas a agitação cotidiana quando a reteve, e quando ela não se perdeu em especializações individualistas, estéticas, pseudocientíficas, pseudofilosóficas, antitabagismo, libristas do amor (aquele que teve mais seguidores), vegetarianos, crudívoros, idistas, esperantistas, neo-Malthusianos, etc ... cada um deles tinha sua (s) própria(s) capela(s) e afirmava ser uma panaceia capaz de resolver todos os problemas sociais. A que distância estamos de Proudhon, Elisée Reclus e dos outros! E não estamos certos de que a crise do anarquismo data do próprio surgimento do anarquismo?

Há outro fato que vejo há muito tempo e contra o qual também reagi sem poder ter ilusões sobre o resultado de minha atitude. É o complexo de superioridade que caracteriza a grande maioria dos anarquistas. Para o anarquista médio, seu ideal é o mais elevado e, acima de tudo, seu pensamento constitui a mais correta, a mais indiscutível interpretação dos problemas que ela resolve na ordem teórica. O simples fato de pertencer à anarquia, portanto, confere-lhes, desde o início, como a dublagem fazia um cavaleiro na Idade Média, uma superioridade indiscutível que os coloca em todas as coisas acima de todos os outros homens. Como resultado, eles podem falar abertamente sobre assuntos relacionados à sociedade, a um corpo muito grande de conhecimento de disciplinas intelectuais, a problemas humanos vastos e complexos, mesmo sem estudá-los.

Não que sejam guiados pela fé, o que é uma explicação quando se trata de crentes iluminados pela revelação divina. Muito simplesmente, parece que a adesão à anarquia os colocou em posse de todas as luzes possíveis. Isso explica em grande parte porque a maioria dos anarquistas nem mesmo estuda seus próprios autores, ignora o pensamento teórico de Proudhon, Bakunin, Kropotkin e outros, até ignora, na maioria das vezes, que esses autores, tem outros autores. Estudá-lo, talvez aderir a ele, seria renunciar ao deles – e acreditamos já tê-lo escrito – o anarquista, com raras exceções, quase sempre acredita encontrar em seu próprio pensamento a sabedoria e uma espécie de ciência feita de revelação *sui generis* que lhe permite decidir sobre tudo e todos com que trata. Poder-se-ia, por exemplo, escrever páginas da mais alta comédia sobre a atitude de inúmeros inimigos da medicina oficial, que condenavam as concepções pasteurianas e todos os postulados da ciência médica, e baseando-se no naturismo, sobre o qual na maioria das vezes nada entendiam, repudiou o que milhares de especialistas e cientistas trabalhadores e conscienciosos deduziram de pesquisas incansáveis. Seria difícil estabelecer quantos pacientes mataram esses curandeiros naturistas e fanáticos. Em todo caso, eles nunca se desarmaram e sempre se consideraram superiores, apesar de sua ignorância, a todos os alopatas e homeopatas do mundo.

No movimento anarquista, e seu pretexto para direitos iguais, um analfabeto muitas vezes por auto-estima, se considera um estudioso, e até mesmo não hesita em repreendê-lo.

Mesmo porque resultou em vaidade e presunção incontrolável, eu consideraria necessário renunciar a uma palavra que coloca os homens acima dos outros. Sinto a necessidade de uma certa humildade, que me mantém no plano comum dos homens, que me permite sentir no coração fraterno o profundo humanismo da fraternidade. Aqueles que se colocam acima dos outros, sejam quais forem as razões, seja pela superioridade de um ideal, separam-se dele e normalmente tendem a desprezá-los. Esta é a atitude da maioria daqueles que foram e permanecem anarquistas em si mesmos: eles desprezam o “rebanho” de seus semelhantes. Não é com essa mentalidade que servimos ao progresso da humanidade.

Parte 5

Seja qual for a forma como você vire a questão, é indiscutível que algo falhou nas esperanças e previsões dos pensadores do anarquismo, e que existe um abismo entre os objetivos declarados e as realidades alcançadas. Além da revolução espanhola, podemos falar do fracasso do anarquismo mundial (faço uma exceção para o Japão, do qual não conheço o suficiente sobre a importância recíproca das causas objetivas e subjetivas, e da qual não esqueço a devastação provocada pelos assassinatos de militantes perpetrados pela polícia). Por quase quarenta anos, reagi sem parar contra os desvios que empobrecem o pensamento e esterilizam a ação. Continuo a fazê-lo, sem mentir a mim mesmo, recusando todas as explicações de facilidade com que tantos indivíduos me responderam que assim justificaram a insuficiência do seu esforço e muitas vezes já não estão na luta há muitos anos.

Os partidários das estruturas políticas podem retrucar que esta observação geral e publicamente expressa prova a futilidade dos princípios libertários em si mesmos, e constitui uma prova indiscutível da necessidade do poder governante, com mais ou menos flexibilidade ou rigidez, o funcionamento das comunidades e das relações humanas. Eu entendo que essa resposta parece justificada. E, no entanto, sem me apegar cegamente à fidelidade a princípios intangíveis – uma vez que já coloquei nesta mesma revista o problema da autoridade sem ter medo das palavras e das lições que a experiência traz – eu acredito que tais conclusões categóricas não podem ser tiradas tão rapidamente. O ideal desenvolvido por pensadores libertários não foi obra de pessoas iluminadas que se colocaram acima das possibilidades humanas. O próprio Marx viu a anarquia como o ápice do socialismo¹², e Engels e Lenin expressaram categoricamente a mesma opinião.

Certamente, esta palavra “anarquia” se presta tanto às interpretações mais sensatas como às mais barrocas e repito que foi um enorme erro de Proudhon tê-la escolhido para definir um ideal de ordem e harmonia. Mas se o tomarmos com o espírito que presidiu a sua escolha, é certo que grande parte do método de organização recomendado é inspirado pelas leis naturais do entendimento entre os homens e seus vários grupos. É esta interpretação dos fatos e o desejo de erigi-los como um princípio aplicado conscientemente que ainda permanece válido.

Quando Proudhon opôs o “contrato” à lei, para ele tratava-se de estender a todas as relações entre os homens os padrões amplamente praticados da economia liberal, fundamentalmente antiestatista (que muitas vezes foi esquecido) à medida que o controle do Estado avança) adicionando como condição “sine qua non” a supressão da exploração do homem pelo homem. Quando Bakunin defendeu a reorganização da sociedade a partir das organizações operárias, federadas por especialidades produtivas, nacional, internacional e globalmente, agregando-se a ela as criações do cooperativismo, do qual foi um dos primeiros a vislumbrar as imensas possibilidades, elaborou um conceito perfeitamente realista de história social considerada sem um aparato estatal¹³. Quando em seu livro **Mutual Aid**, Kropotkin mostrou que o desenvolvimento progressivo das espécies, dos insetos aos humanos, e o aprimoramento da humanidade eram de alguma forma fatos biológicos, e que foi graças ao instinto e à prática da sociabilidade, muito mais do que às atividades do Estado e do governo, que os povos puderam sobreviver e progredir, ele lançou as bases para uma filosofia da história que abre imensos horizontes para o pensamento social e as conquistas que podem seguir.

A verdadeira história da humanidade é a-governamental e a-estadista. Essa conclusão, eminentemente libertária, é a de muitos etnólogos e de todos aqueles que se empenham em compreender melhor os fatos relativos às múltiplas atividades das gerações, ao desenvolvimento das civilizações, ao trabalho dos homens. Nosso papel é aprofundar esta imensa lição objetiva, para tirar conclusões teóricas e práticas através das quais podemos mostrar o caminho do futuro. Em face da invasão desenfreada

¹² Na famosa circular *As alegadas cisões da Internacional*, Marx escreveu: “Todos os socialistas entendem por anarquia isto: o objetivo do movimento proletário, a abolição das classes uma vez que o poder do estado tenha sido alcançado, que serve para manter a vasta maioria sob o jugo de uma pequena minoria exploradora, e as funções do governo se transformam em funções administrativas”.

¹³ No entanto, de Bakunin, a grande maioria dos anarquistas manteve apenas o lutador desganhado das barricadas, o “pandestrador” que ele nunca foi e fabricou um negador de qualquer sociedade assim como os inimigos deste gigante que, do ponto de vista intelectual, construiu a mais construtiva e mais ampla filosofia socialista que existiu, e escreveu pelo menos uma dezena de “catecismos” e programas, alguns dos quais, como o “Catecismo Revolucionário”, abrangem cerca de trinta páginas.

do estatismo frenético, em face do crescente estrangulamento das instituições estatais reforçadas pelo imperialismo tecnocrático e a negação de valores mais elevados, a reação subjetiva de homens de todas as esferas da vida está tomando forma. O que falta é uma concepção construtiva de conjunto que reúna, para objetos concretos, oposições não formuladas ou dispersas. E se uma escola de pensamento correspondente ao nosso tempo e à situação presente fosse formada, tudo o que permanece válido na filosofia social anarquista, que prefiro chamar de libertária para evitar confusão mortal, poderia ajudar a iluminar o próximo futuro.

“Não sou anarquista, mas acredito que não podemos ignorar suas ideias para a construção do futuro”, escreveu-me há dez anos, René Dumont, agrônomo, mas também socialista e sociólogo. Muitas pessoas pensam assim, e estão certas. Contanto que você não interprete as ideias libertárias por meio do que os anarquistas dizem, ou a maioria deles.

Muitas vezes me perguntei se, entre as razões que explicam a crise contínua em que viveu o movimento anarquista, a amplitude e a diversidade das bases teóricas, científicas e filosóficas a que me referi não constituem, paradoxalmente, uma das causas da estagnação na mediocridade, fonte de desvios e recuos. Observou-se que uma das características do pensamento marxista, que se espalhou pelo mundo, é justamente o que tem de um lado. Ele gira em torno de alguns postulados que todos podem entender e interpretar, independentemente de seu nível de cultura. A concepção economista da história que explica todos os aspectos da vida e do progresso (político, jurídico, social, religioso, intelectual, etc.) da humanidade pelas modificações introduzidas nas formas de produção, a explicação dialética da revolução social que deve conduzir inevitavelmente ao socialismo e mesmo ao desaparecimento do Estado, tudo isso parece muito simples para o homem comum.

Marx não se esforçou para construir uma filosofia baseada em todos os fatores que realmente fizeram a história e moldaram a humanidade; ao fazê-lo, ele distorceu a verdade profunda que sempre está fadada a ser complexa. No marxismo, o Estado surge como consequência da luta de classes e deve desaparecer “necessariamente”, “cientificamente” com ela (vemos o que aconteceu na URSS e nos países satélites). Marx, que ria dos fabricantes de “receitas para os potes da sociedade futura”, sempre se recusou obstinadamente a prever as formas de organização e funcionamento da sociedade socialista. Na literatura marxista, há apenas um livro que trata desse problema, o de Bebel, intitulado **La Femme** e no qual, curiosamente, o autor expôs uma concepção quase inteiramente libertária do futuro.

Correndo todos os riscos que isso acarreta, tenhamos a coragem de dizê-lo: ao contrário do que aconteceu com o marxismo, o pensamento libertário que desde Proudhon quis abarcar todo o saber também colocou, analisou, sondou e quis resolver uma infinidade de problemas. E talvez seja por ser muito rico em conteúdo de pesquisa, várias ações, aspectos, nuances, que dentro do movimento anarquista nasceram tantas especializações, correntes fragmentárias, capelas cujos cultos e pregadores tomaram parte pelo todo e esqueceram o essencial. Ou seja, a luta pela construção de uma sociedade sem classes onde a prática da ajuda mútua, da coordenação direta, do entendimento livre e responsável substituiriam o Estado.

Isso significa que devemos reduzir a filosofia libertária a algumas verdades básicas para evitar todos os desvios contra os quais nos exaurimos? Vamos pensar antes de responder: as coisas não são tão simples. É verdade que o marxismo se espalhou pelo globo e nesta fase da história conquistou a vitória sobre o movimento libertário, que ali o ajudou seriamente em suas deficiências. Mas também é verdade que não emancipou os povos, que deu origem, como os libertários previram, ao surgimento de novas formas de opressão e exploração, mais implacáveis que o capitalismo privado. Ele triunfou como força da história, não como agente da emancipação humana. Precisamente pela sua visão breve das coisas, pelo seu desprezo pelos valores morais, pelos múltiplos fatores, pelas complexas realidades do homem e da história. A não consideração de elementos não puramente econômicos (geográficos, psicológicos, religiosos, etnológicos, políticos, etc.) não permitiu traçar o caminho, ou os caminhos, que conduzem a uma sociedade de produtores e de homens livres. Se negligenciarmos a imensidão dos fatores que constituem toda a vida humana, individual e social, e que reagem entre si de acordo com as etapas da história dos povos e raças, não se veem os abismos que o caminho escolhido esconde, nem se abrem novos.

Não podemos fundar uma escola de pensamento, uma escola sociológica válida, capaz de lançar luz indispensável para resolver os grandes problemas da humanidade, limitando-nos a alguns elementos do problema total. Caso contrário, a pessoa é inevitavelmente oprimida por outras pessoas. E isso, mais em nossa época do que em qualquer outra. Os pensadores gregos não socráticos estavam certos, mesmo em seus erros e tentativas e erros. Do contrário, cairíamos no mito, e a adoração de mitos, no misticismo, na fé religiosa (havia também esse tipo de anarquistas que acreditavam alegremente na sagrada Anarquia). E o próprio marxismo é hoje uma religião onde a ciência está a serviço da fé, assim como a ciência dos teólogos e exegetas ou das diferentes escolas do cristianismo está a serviço da fé em Deus.

É somente por meio da retomada e do desenvolvimento de uma ampla síntese da história da humanidade, do grande movimento que a impulsionou ou pelo qual foi antes, é através da sistematização lúcida e voluntária desta marcha natural para cima, perseguida conscientemente e que, a partir do passado, marcará o caminho para os séculos futuros, que podemos fundar um humanismo válido. Este humanismo, dirão alguns, mais apegado às palavras do que à substância do pensamento, será praticamente anarquismo. Bem não ! Não, e devemos terminar de uma vez por todas com o jogo de palavras graças ao qual tantos simuladores se entregam a todas as suas turbulências. O anarquismo teórico de Proudhon, Kropotkin, Malatesta, Rocker, Elisée Reclus e até mesmo de Tolstói serviu por muito tempo, sem que seus fundadores pudessem supor o que seria feito com suas ideias, para encobrir uma mercadoria contaminada que é o fato dominante – não estou dizendo exclusivo – do anarquismo da realidade histórica.

Só a Espanha, onde também nem tudo foi perfeito, mas onde as ideias essenciais não foram esquecidas por toda a nossa força militante, a Espanha e a Suécia constituem uma exceção. Mas na Espanha o individualismo e todos os seus desvios antissociais e destrutivos não tinham realmente criado raízes, a obsessão frenética com o sexo chamada “amor livre”¹⁴ nunca foi o ato de alguns indivíduos infectados durante sua estada na França, o reinado da “combinação” à custa da sociedade, do “macadame” do que se chamou de “recuperação individual”¹⁵, tudo isso nunca foi capaz de se espalhar porque o senso moral geral não está aí. Havia alguns lados fantasiosos, mas nunca essas árvores impediram você de ver a floresta, nunca o arbusto espinhoso impediu você de acessá-la. O objetivo dominante continuou sendo o estabelecimento de uma nova sociedade, com a luta prática, obstinada, infatigável e heroica pelo estabelecimento dessa sociedade e pela organização das massas trabalhadoras nos sindicatos, a estruturação das organizações operárias como meios de realização. Obedecemos a uma mística da história sem a qual é impossível fazer grandes coisas. E mesmo que certos aspectos do pensamento dos grandes mestres estivessem além da compreensão do militante médio, este não perdeu de vista o objetivo prático que devia ser alcançado. Se Proudhon, e especialmente Bakunin, fez da Concepção Materialista do Universo uma base filosófica essencial para a negação da autoridade do homem sobre o homem, despojando-o do fundamento deísta que por si só poderia torná-lo indiscutível, o militante espanhol médio lutava contra o Estado por razões mais simples, que se juntavam às dos superiores de Proudhon e Bakunin, e, quanto a isso, ambos podiam argumentar em virtude de fatos sociais imediatos e históricos.

Essa continuidade, essa conexão entre o pensamento do homem de base e o gênio intelectual nunca pode ocorrer em um ambiente, um movimento onde, porque a grande maioria é, por suficiência e vaidade, rebelde às disciplinas intelectuais e morais indispensáveis, cada um tem o direito de dizer e fazer o que quiser, e interpretar ideias ou teoria social em sua própria maneira que afirma ser.

¹⁴ Esta questão não foi agitada, por vários anos, nos grupos anarquistas. Mas reaparece em alguns deles. Substituir a luta pela transformação da sociedade pela liberdade de acasalamento erigida uma prática primordial e dominante da Anarquia é certamente mais fácil do que estudar a economia social, as relações universais de produção e consumo e a substituição do Estado. Indo um passo adiante, alguns estão perguntando, me disseram, que o movimento anarquista inclua em suas demandas o direito à pederastia. Nada pode nos surpreender mais. A crise continua em qualquer forma. Quando aqueles que reivindicam o ideal de Proudhon, Bakunin, Reclus, Kropotkin e mesmo de Tolstói ou os organizadores das comunidades espanholas terão a coragem de entender que sua primeira revolução deve ocorrer em seu próprio seio? Contra as interpretações e práticas irresponsáveis a que conduz inevitavelmente a concepção que todos têm o direito de ter da anarquia?

¹⁵ Não esqueçamos que Jacob, “anarquista dos bons velhos tempos” segundo o amigo Maitron – mas anarquista que não deve ser muito elogiado porque o encoraja a imitá-lo, e faz com que o leitor acredite que se trata de um anarquista típico – compareceu ao tribunal com cerca de vinte de seus companheiros. E a experiência desse tipo de coisa mostra que, em grande parte, a máscara da anarquia serve para encobrir realidades que nada têm a ver com o pensamento libertário.

Um renascimento libertário (e para romper completamente com um passado que só evoca na mente das pessoas a memória de ataques e outras formas de violência, não hesitaria em usar um novo nome se encontrasse um equivalente), um renascimento libertário parece essencial para mim para o futuro humano. Estou convencido de que um esforço sério encontraria uma resposta favorável de um setor da opinião pública e abriria um horizonte promissor. Mas isso só será possível se tivermos a coragem de romper com um passado que, sob o nome de anarquismo, só deixou ruínas.

Curiosamente, aqueles indivíduos que aplicam o rótulo de anarquistas ficam aquém da interpretação do próprio Marx sobre anarquia. Mas você pode brincar com o significado dessa palavra como quiser. Os resultados chegaram.

Notas

Biblioteca Anarquista



Gaston Leval
A Crise Permanente do Anarquismo
1967

fr.theanarchistlibrary.org

Titulo Original: *La crise permanente de l'anarchisme*. Tradução e Revisão por André Tunes @Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista. Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org